

3.1.4 Educação e cibercultura na sociedade pós-moderna.

Angela Divina Oliveira

Mestra em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro – UNISA. São Paulo – SP – Brasil. Docente em cursos de Pós-Graduação e Graduação, Coordenadora de cursos MBA, Universidade Santo Amaro, São Paulo – SP – Brasil.

E-mail: angela.ado.ado@gmail.c

COMO CITAR O ARTIGO:

OLIVEIRA, A. D. **Educação e cibercultura na sociedade pós-moderna.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.9, n.4, p. 145-160, out/2019.

RESUMO

As oportunidades que surgem na sociedade pós-moderna e os saberes disponibilizados por meio das tecnologias digitais posicionam-se como foco de estudo, principalmente, as relações complexas estabelecidas entre paradigmas e técnicas empregadas no sistema educacional. Neste cenário existem desafios que exigem vários olhares, considerando o que foi identificado no passado para trabalhar as fronteiras das disciplinas. Ao considerar este pressuposto pretende-se discutir sobre as tecnológicas disponibilizadas no ciberespaço como suporte à aprendizagem, indaga-se ainda, se esses meios proporcionarão mais eficiência às estratégias instrucionais. Como campo analítico, verifica-se os significados da cibercultura com base nas teorias de Levy (1999); Lemos (2003) e Queau (2001), concepções entrecruzadas pelos conceitos de pós-modernidade desenvolvidos por Bauman (2001) e Morin (2011), os fenômenos educativos são vistos nas dimensões histórico-sociais, com base em Adorno (1995); Freire (1996) e Moran (2015). Os resultados aferidos demonstram a influência das tecnologias digitais no universo educacional no sentido de aceitação entusiástica, ao mesmo tempo, evidenciaram que tanto os métodos de ensino-aprendizagem como os docentes estão sob forte pressão para mudar, muito em decorrência da evolução das novas tecnologias e do surgimento da geração digital.

Palavras-chave: Cultura digital. Cibercultura. Educação. Ensino-aprendizagem. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The opportunities that arise in postmodern society and the knowledge made available through digital technologies are the focus of study, especially the complex relationships established between paradigms and techniques employed in the educational system. In this scenario there are challenges that require several evaluations, considering what has been identified in the past to work the boundaries of disciplines. By considering this assumption, we intend to discuss the technologies available in cyberspace as a support for learning, considering if it will provide more efficiency to instructional strategies. As an analytical field, the meanings of cyberculture are verified based on the theories of Levy (1999); Lemos (2003) and Queau (2001), concepts intersected by the concepts of postmodernity developed by Bauman (2001) and Morin (2011), educational phenomena are seen in the historical-social dimensions, based on Adorno (1995); Freire (1996) and Moran (2015). The results demonstrate the influence of digital technologies in the educational universe in the sense of enthusiastic acceptance. At the same time, they showed that both teaching-learning methods and teachers are under strong pressure to change, largely due to the evolution of new technologies and of the rise of the digital generation.

Keywords: Digital culture. Cyberculture. Education. Teaching-learning. Postmodernity.

INTRODUÇÃO

Em cada sociedade a educação posiciona-se de maneira própria e assume um papel de condutora dos indivíduos que buscam significados peculiares, na história da humanidade, a ação de educar vem passando por transformações para adaptar-se ao ser humano e sua realidade. No início do século XX o movimento progressista, conhecido como Escola Nova, desenvolveu novas práticas de ensino com foco no aluno como protagonista de sua aprendizagem.

Na pós-modernidade existem desafios que exigem vários olhares, considerando o que foi identificado no passado para trabalhar as fronteiras das disciplinas. Ao considerar este pressuposto pretende-se discutir sobre as tecnológicas disponibilizadas no ciberespaço como suporte à aprendizagem, indaga-se ainda, se esses meios proporcionarão mais eficiência às estratégias instrucionais.

Pode-se dizer que as tecnologias digitais quando bem utilizadas na educação pode ser um ponto de partida para o levantamento de questões e a busca de soluções para os problemas identificados nos respectivos níveis de aprendizagem, com a finalidade de produzir conhecimento. Já que o avanço da internet, dos dispositivos móveis e de outros aplicativos alterou radicalmente a forma de socializar, construir, colaborar e inovar. Essa dinâmica social possibilita pensar a aprendizagem a partir das novas tecnologias.

DISCUSSÃO

De acordo com Adorno (1995, p. 144), “a importância da educação em relação à realidade muda historicamente [...]”. Para ele “a educação [...], por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação”. Dialogando com esse pensamento, Morin (2011, p. 49-50) aduz que “cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade”, para o autor, não se separa a vida intelectual da vida de experiências, pois elas estão em constante movimento e são cheias de antagonismos e aproximações.

Campos (2004) citada por Campos et al. (2018, p. 7), converge ao considerar “Que a educação e os sistemas de ensino estão diante do desafio de procurar soluções de alta amplitude, utilizando-se de um instrumental compartimentado”. E ainda, “compete aos sistemas educacionais contemporâneos formar indivíduos aptos a entender questões colocadas por um universo globalizado”.

Morin (2011) exalta a importância de organizar os conhecimentos de modo que possa intervir nas questões problemas do mundo. É preciso estimular a mudança de pensamento, a tal ponto, que caracterize uma reforma paradigmática, na opinião do autor, este aspecto passa a ser a questão essencial da educação. Ainda nesta linha, Adorno (1995, p. 148-149), no diálogo com Becker, diz:

Penso aqui sobretudo também no papel desempenhado na consciência e no inconsciente pela técnica, possivelmente muito além de sua função real. Uma educação efetivamente procedente em direção à emancipação frente a esses fenômenos não poderia ser separada dos questionamentos da psicologia profunda.

Para ele a autonomia do sujeito na educabilidade e emancipação estão fincadas na natureza humana e, por essa razão, torna-se necessário libertar da ignorância. Acentua-se que a educação tem papel fundamental na formação do cidadão, principalmente ao considerar que o ser humano tem capacidade para gerir seu próprio destino. Logo, a educação no século XXI dá-se em promover mudanças que acompanhem o desenvolvimento científico, tecnológico, social, cultural, econômico e ambiental, tendo em vista contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, neste sentido, apropria-se aqui, do pensamento de Campos (2015, p. 61):

Seria preciso, enfim, atender ao apelo [...] de Edgar Morin, para o pensar complexo, que una novos parceiros a esse mercado, provindos indiferentemente das ciências exatas, das biológicas, das tecnológicas. E, especialmente, que esse diálogo se debruce sobre os grandes problemas da humanidade, transportando tais problemas para a investigação científica e propondo soluções capazes de fazer avançar um conhecimento comprometido com o capital humano.

Embora a autora refira-se as transformações nas ciências em geral, transporta-se seu pensamento para a educação, com a chegada da cultura digital, entende-se que as discussões sobre novas possibilidades educativas sejam amplificadas, posicionando o processo

educacional de maneira que estabeleça elo entre a sala de aula e o ciberespaço.

As oportunidades que surgem na sociedade pós-moderna colaboram com os processos educacionais, Levy (1999) aponta a interconexão que o ciberespaço oferece como condição de novas propostas de aprendizagem no universo do saber em fluxo. Os saberes disponibilizados por meio das tecnologias digitais mediados pelo ciberespaço, apresentam novas perspectivas para as práticas educacionais.

Em consonância com a contemporaneidade, os processos educacionais devem ser pensados e organizados de modo a não se enquadrar em velhos modelos, mas ter a lucidez de encontrar, nas situações concretas, novas oportunidades para suas potencialidades. É neste novo cenário que o professor demonstra suas capacidades e revela no fazer o domínio dos saberes e o compromisso com o que é realmente necessário.

Entende-se que a disponibilidade da informação conduz à atualização dos processos educacionais, até porque, por existir a facilidade de acesso a diferentes conteúdos há também a cobrança para modernização, compreende-se ainda, que a globalização demanda novos saberes e conseqüentemente desafia os projetos educacionais e atribuem múltiplos sentidos a presença das tecnologias digitais no ensino.

De acordo com Lévy (1999) a revolução das tecnologias de informação e comunicação representa uma dimensão de mutação antropológica de grande amplitude, quanto mais o ciberespaço se amplia, torna-se mais global, um universo sem totalidade e um ambiente

que não tem nem centro nem linha diretriz, é amplo e sem conteúdo específico. Bauman (2001) diz que a natureza explosiva da modernidade líquida tem aderência com a cultura digital, já que tendem a ser voláteis, transitórias e direcionadas ao propósito individual.

Cada vez mais, as interações sociais ocorrem no entorno das tecnologias, desta maneira, pode-se afirmar que a sociedade mudou e exige modificações nos paradigmas em diferentes atividades, dentre elas, a educacional. Os efeitos das tecnologias na educação podem ser positivos, se bem utilizados poderão enriquecer o referencial teórico por meio do acesso às informações. De acordo com Levy (1999, p. 157) mediante o advento tecnológico se estabelece uma nova concepção:

O ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

As novas formas de acesso à informação e construção do conhecimento articulam às perspectivas de educação democratizando-as já que se multiplicam e atualizam-se de forma exponencial. Isso acaba por questionar os modelos tradicionais de ensino que focam, apenas, na transmissão de informação.

A reflexão sobre a cultura digital na educação incentiva novos pensamentos e posiciona-a em seu real papel que é o de caráter educativo e/ou formador das atividades econômicas e sociais e não,

apenas, questões formais de ensino, “uma vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implantar procedimentos de reconhecimento dos saberes [...] adquiridos na vida social e profissional”. E ainda, “[...] o tempo necessário para homologar novos diplomas e para constituir os cursos que levam até eles não está mais sincronizado com o ritmo de evolução dos conhecimentos” (LEVY, 1999, p. 174-175).

As novas exigências da sociedade atual levam as instituições de ensino a se reposicionar e promover reflexões sobre o processo educativo em uma atitude de abertura às novas possibilidades de ofertar ao aluno espaços contextualizados de aprendizagem.

A escola que vislumbro deve ser não apenas “sem distância”, mas também “sem limites”. Sem barreiras entre teoria e prática, entre real e virtual, entre presente e distante, entre disciplinas, entre diferentes níveis, entre diferentes culturas, entre possível e impossível (TORI, 2017, p. 26).

Os avanços da tecnologia introduziram a economia do saber, já que o acesso à educação se tornou mais acessível, democratizando o conhecimento. Para corroborar Levy (1999, p. 170) diz:

De fato, as características da aprendizagem aberta a distância são semelhantes às da sociedade da informação como um todo (sociedade de rede, de velocidade, de personalização, etc.) Além disso, esse tipo de ensino está em sinergia com as “organizações de aprendizagem” que uma nova geração de empresários está tentando estabelecer nas empresas.

Esse pensamento conflui com a ideia de “organizações de aprendizagem” apresentada por Senge (1990, p. 11), fundamentalmente, quando diz “[...] onde a aspiração coletiva é libertada e onde as pessoas aprendem continuamente a aprender em grupo”.

Convém notar que em se tratando de educação a estratégia tecnológica pode enriquecer sobremaneira, pois ajuda a aumentar o processo de aprendizagem, frisa-se que mais importante do que a tecnologia, é a maneira como será utilizada, isto é, deve ser aplicada quando, de verdade, facilitar o processo ensino-aprendizagem.

[...] não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes (LEVY, 1999, p. 172).

Para o autor o aspecto central se refere à ampliação da visão educacional, principalmente, nos atributos institucionalizados, ele também menciona que as tecnologias favorecem novos estilos de aprendizagem, sobretudo no que tange ao compartilhamento entre as pessoas e a ampliação do potencial da inteligência coletiva.

Assim, é possível dizer que na sociedade contemporânea a educação está no epicentro das discussões estratégicas sob os seguintes pilares, primeiro no sentido social, já que exige aprender a viver juntos, também em termos cognitivos, ao reivindicar o aprender a aprender. Convergindo assim com a ideia postulada na autonomia

freiriana em relação à postura crítica do aprendiz, sua autonomia e libertação criando uma ponte para a educação voltada ao potencial humano.

Contudo, mesmo com o avanço da tecnologia e as possibilidades ofertada pela internet, em sala de aula, quase sempre, o aluno recebe a informação de maneira passiva, sem estímulos à crítica.

O que agrava a dificuldade de conhecer nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver, a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da era planetária é pensar sua globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade – o que nos remete à reforma do pensamento, [...], necessária para conceber o contexto, o global, o multidimensional, o complexo (MORIN, 2000, p. 64).

Corroborando Senge (1990, p. 22) ao explicar que a palavra “aprendizagem” perdeu seu significado, substancialmente na maneira como é usada na atualidade: “[...] “aprendizagem” perdeu seu significado básico no uso contemporâneo, e passou a ser sinônimo de “assimilar informação”, o que tem uma remota conotação com o verdadeiro significado da palavra”.

A contemporaneidade e todas as mudanças exigem transição do conhecimento disponibilizado pela educação centrada no falar e ditar para uma educação da comunicação dialógica, estimulando os discentes a atuarem como coautores de sua formação, encorajando sua autonomia. Freire (1996) destaca como essencial que o aluno no processo educacional, se coloque como sujeito corresponsável na produção do saber. Para o autor, ensinar não é transferir conhecimento,

mas possibilitar ambientes que facilitem a produção e a reconstrução dos saberes.

Para Freire (1987, p. 68) o indivíduo alcançará sua libertação a partir de uma reflexão problematizadora: “[...] a educação libertadora, problematizadora já não pode ser um ato de narrar, depositar ou transferir conhecimento e valores aos educandos meros pacientes da educação ‘bancária’”. Na concepção do autor, a educação não é estática, o que nos leva a pensar que converge com a ideia de ensino híbrido proposta por Moran (2015, p. 28): “[...] não se reduz ao que planejamos institucionalmente e intencionalmente. Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais”.

Portanto, ensinar é, também, trocar experiências e os elementos da cibercultura podem apoiar a relação professor-aluno, de modo que a aprendizagem aconteça mediante o uso da tecnologia e não por meio dela, pois ela por si só não ensina, apenas favorece a construção do conhecimento, provoca a curiosidade e estimula o interesse em saber mais e descobrir o desconhecido libertando o indivíduo da alienação.

A cibercultura é hoje um dos lugares em que se elaboram novos comportamentos intelectuais e culturais, [...]. A cibercultura poderia então ser definida como uma cultura suscetível de ajudar-nos a encarar os desafios da era *ciber* – sem dúvidas porque seus instrumentos (o numérico, internet) e seus modelos (colaboração virtual, partilha da informação, atitude transdisciplinar) são proporcionais à mundialização (QUÉAU, 2001, p. 472)

Nesta perspectiva tanto Philippe Quéau e sua tese de que a cibercultura permite criar comportamentos intelectuais e culturais, quanto Paulo Freire e o conceito de pedagogia autônoma dirigem-se em defesa de desenvolver nos sujeitos a capacidade de criar estratégias para resolver as questões-problemas, assim como, aprender a posicionar-se como atores capazes de influenciar a história.

Essas abordagens possibilitam aprofundar a reflexão acerca do ato de ensinar na concepção de resolver situações. O pensamento freiriano propõe problematizações no processo educativo de maneira a estabelecer uma relação dialética entre professor e aluno. Do mesmo modo o modelo colaborativo, proposto por Quéau, propõe interação e interlocução a partir de questionamentos acerca dos fatores sociais e culturais com olhares sobre as diferentes conexões dos fatos, contribuindo assim com as formas de ensinar e aprender.

As necessidades definidas na pedagogia da autonomia podem ser desenvolvidas com o apoio dos elementos que compõem a cibercultura, para corroborar Lemos (2004, p. 9) diz: “A cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos”, portanto, aqui encontra-se uma perspectiva que pode guiar a maneira como nos posicionamos acerca das tecnologias aplicadas nos processos educacionais, visto que essa perspectiva se coloca, apenas, como um meio utilizado pelo sujeito para atender uma necessidade.

CONCLUSÃO

Mediante as discussões estabelecidas neste estudo, entende-se que tanto os métodos de ensino-aprendizagem como os docentes estão sob forte pressão para mudar, em decorrência da evolução das novas tecnologias e do surgimento da geração digital. Portanto, é preciso criar outras formas de ensino, inclusive o professor terá de assumir outros papéis, por exemplo, geradores e administradores de novos experimentos de aprendizagem e de consultores e orientadores dos alunos.

Compreende-se também, a interconectividade alcança patamares altos permitindo comunicação e interação tanto local como global, essa aceleração impacta nas estruturas educacionais estimulando a adoção de novas tecnologias. Esse contexto induz à necessidade de investir no desenvolvimento de docentes para que possam recuperar a dimensão essencial do ensino e da aprendizagem para contribuir com a formação de profissionais que irão atuar na sociedade de forma inovadora e ética. Pois só assim, as tecnológicas disponibilizadas no ciberespaço proporcionarão mais eficiência às estratégias instrucionais.

Conclui-se que o ponto focal na articulação da educação e tecnologia está em encontrar a adequada aplicação desses elementos no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 144; 148-149.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, A. L. A. A interdisciplinaridade e o pensamento contemporâneo. In:

Jack Brandão (Org). **Diálogos interdisciplinares: novos olhares nas ciências**

humanas. São Paulo: Lumen et Virtus: 2015, p. 61.

CAMPOS, A. L. A.; MARTINS, J. M.; OLIVEIRA, A. D.; PARASMO, M. C. A. A interdisciplinaridade segundo Edgar Morin e Alzira Lobo de Arruda Campos. **Revista Uniitalo em Pesquisa**, São Paulo, v.10, n.2, p. 93-107, abr. 2018. Disponível em: <http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html>. Acesso em: 01 de set. de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 68.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 9.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 29; 157; 170; 172; 174; 175.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L., NETO, A. T. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 28.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 49-50.

QUEAU, P. Cibercultura e info-ética. In: MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 472.

SENGE, P.M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Best Seller, 1990, p. 11; 22.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Artesanato educacional, 2017, p. 26.